DON QUIXOTE

MIGUEL DE CERVANTES – *Don Quijote de la Mancha*. Madrid: Catedra, 2001, dois vols. 600+578 páginas.(Edición de John Jay Allen, 21 edição.)

Miguel de Cervantes Saavedra - *Dom Quixote de la Mancha*. São Paulo: Editora Nova Cultural, 2002, 686 p. (tradução de V. de Castilho e Azevedo).

Miguel de Cervantes – *Don Quixote*. Hopewell, N.J.: Ecco Press, 2003, 940 p. (versão para o Inglês, Edith Grossman).



A história “del ingenioso hidalgo de la Mancha” -- traduzida para diversos idiomas, várias vezes adaptada ou condensada, exibida no cinema, transformada em estória para crianças, usada em propaganda, -- é um dos grandes clássicos da literatura ocidental. A obra de Cervantes é tão

freqüentemente citada que chega a produzir a sensação de que a conhecemos em pormenor.

Mais provável, porém, é que o fidalgo Quixote seja apenas uma figura – imortalizada nos desenhos de Gustave Doré -- que a memória preserva, ao lado de lembranças vagas relativas a um fiel escudeiro e um cavalo magro, envolvidos em curiosas aventuras e sofrendo mil dissabores.

Seja como for, o livro continua despertando interesse, como atestam as várias versões que incessantemente recebe -- entre as quais as três aqui destacadas. As edições se multiplicam. Não obstante, muitos analistas sustentam que também se tornarão obras "cuja fama será mantida, porque ninguém as lê" – repetindo o que Voltaire teria dito, referindo-se à *Divina Commedia* (1555), outro clássico que todo mundo parece conhecer.

Ao lado de Dante e de Cervantes, não hesito em colocar Shakespeare que também atingiu, opinam muitos, o "posto" ironicamente descrito por Voltaire...

***


EL INGENIOSO
HIDALGO DON QVI-
XOTE DE LA MANCHA,
Compuesto por Miguel de Cervantes
Saauedra.
DIRIGIDO AL DVQVE DE BEIAR,
Marques de Gibraleon, Conde de Benalcaçar, y Bañares, Vizconde de la Puebla de Alcozer, Señor de las villas de Capilla, Curiel, y Burguillos.
Año, 1605.
CON PRIVILEGIO,
EN MADRID, Por Iuan de la Cuesta.
Vendese en casa de Francisco de Robles, librero del Rey nro señor.

Diz a lenda que Cervantes e Shakespeare morreram no dia de São Jorge (23 de Abril), em 1616. Na verdade, parece que os óbitos ocorreram com uma semana de diferença (em virtude de uma diferença de calendários nos dois países em foco). Importante, contudo, é o fato de que eles não têm rivais. Camões, Tolstoi, Goethe, Dickens, Proust, Ibsen,… criaram, sem dúvida, personagens que a História guardará. São, porém, figuras "menores", diante de um *Hamlet* (1601-06) e de um *Don Quijote* (1605-15).

Shakespeare e Cervantes descrevem com maestria certas mudanças e certos sofrimentos que atingem os seres humanos. Diferem muito, sem

dúvida. O britânico reuniu apreciável fortuna. Embora fosse o autor mais representado em Londres, sabia muito bem como o governo tratava opositores, procurando, por isso, manter-se no anonimato. Aparentemente, nada de memorável perturbou sua pacata vida. O espanhol, ao contrário, sofreu o que poucos autores famosos sofreram. Com 24 anos, na batalha de Lepanto, perdeu uso da mão esquerda. Em 1575 foi aprisionado e escravizado, durante cinco anos. Escreveu cerca de 20 peças teatrais, todas elas fracassos irremediáveis. Em 1597, acusado de malversação de dinheiros públicos, passou um tempo na prisão. Foi preso mais uma vez, em 1605. Na prisão escreveu, com incrível rapidez, a primeira parte de *Don Quijote*. (A segunda parte só apareceria dez anos depois, em 1615.) Não fosse o apoio de certos nobres espanhóis, Cervantes teria perecido em penúria.

Os criadores diferem. Também diferem as criaturas. Nestas, a "intensidade" de sentimentos atinge proporções raramente encontradas na prosa do Ocidente. Note-se, contudo, como a tônica recai em pontos diversos. Podemos "sentir" como "parte de nós", a saga de Romeu e Julieta e mesmo o ciúme de Othello. Acompanhando Quixote, porém, temos a impressão de que nem ele crê na realidade de suas visões. Cervantes parece deixar isso explícito ao criar (especialmente na segunda parte da obra) situações extremamente aflitivas e constrangedoras para o fidalgo e seu fiel companheiro – situações que não imaginaríamos viver e com as quais dificilmente chegamos a nos identificar.

Harold Bloom (introdução para a edição inglesa, de Edith Grossman) diz, com propriedade, que *"Sometimes we are fused with Cervantes, but more often we are invisible wanderers who accompany the sublime pair in their adventures and debacles."*

Insistindo, notemos que as humilhações sofridas por Malvolio (*Twelfht night*) são fáceis de "sentir", porque refletem, um pouco, os percalços de todos nós. As humilhações sofridas por Quijote, porém, retratam lutas que Cervantes travou, em busca da própria vida e da liberdade, uma luta que pouquíssimos escritores enfrentaram.

Vladimir Nabokov (*Lectures on Don Quixote*, Harvest Books, 1984, 240 p.) comenta o livro, capítulo por capítulo, de modo pouco lisonjeiro. Rejeitando a idéia comumente defendida (de que Cervantes teria escrito uma sátira graciosa) diz que *Don Quijote* é uma verdadeira enciclopédia de crueldade. Junto ao anúncio do livro de Nabokov, a Livraria Amazon colocou um ou dois comentários curiosos, de leitores que aplaudiram o escritor russo, achando risível a idéia de colocar Cervantes ao lado de Shakespeare. Lendo-os, é fácil compreender porque muitos jovens, obrigados, nas escolas, a "enfrentar" Cervantes, acabaram detestando a estória do cavaleiro de la Mancha. Incompreensível, porém, é o fato de que esses leitores não tenham procurado, mais tarde, superar a antiga aversão, para entender as razões pelas quais *Dom Quixote* só perde para a Bíblia, em número de exemplares vendidos.

O príncipe da Dinamarca e muitos outros personagens shakesperianos são solipsistas. A amizade que os use é feita de ironia e, não raro, de

traições. O cavaleiro andante e seu escudeiro, ao contrário, mesmo quando discutem, trocam idéias ouvindo um ao outro. Em termos literários, a amizade raramente se viu tão bem representada.

Descrevendo as diferenças em poucas palavras, talvez caiba afirmar que Shakespeare se parece com um espelho que reflete o mundo, ao passo que Cervantes seria um espelho que reflete o leitor – razão pela qual cada crítico de Don Quijote entende o livro de modo próprio, difícil de generalizar.

***



Harold Bloom, articulista de “The Guardian” (London, 13 de Dezembro de 2003), nota que não dispomos da peça que Shakespeare teria escrito logo após ter lido a tradução (de Thomas Shelton) de *Dom*

Quixote. Não sabemos, pois, o que o dramaturgo inglês pensava de Cervantes, embora caiba imaginar que tenha apreciado o cavaleiro "de la Mancha". De outra parte, é lícito presumir que Cervantes (dramaturgo mal sucedido) não tenha ouvido falar de Shakespeare. Tenha ou não conhecido alguma obra do autor inglês, parece razoável admitir que Cervantes não aprovaria Hamlet – pessoa que põe sua liberdade acima de quaisquer obrigações. Mesmo aceitando que Sancho é um indivíduo livre, não se pode esquecer que Quixote se submete, incondicionalmente, aos mandamentos a que os cavaleiros andantes devem obediência.

***

Jovens de hoje não se sentem cativados por Dante e Beatrice, por Hamlet e Ophelia, ou por Quixote e Dulcinea. Nem mesmo edições abreviadas, com gravuras coloridas, das aventuras e desventuras desses heróis, no Purgatório, na Dinamarca ou nas colinas de Espanha, conseguem prender a atenção dos moços. Leitores mais velhos (dos tempos em que não havia televisão nem as inúmeras distrações que atualmente tomam todo o tempo livre das pessoas) ainda se mantêm fiéis aos três autores – ou, pelo menos, a um ou dois deles. Prova disso é o número de edições de *Quixote* que continuam aparecendo.

Não é fácil explicar a atração que *Hamlet* e *Quixote* exercem sobre muitos admiradores. Dizem alguns entendidos que estaria no enigma que ambos colocam. Quais seriam os motivos das ações do príncipe da Dinamarca? Não nos é dado saber. Que procura Quixote? Não há resposta satisfatória. O

mistério se mantém. Os personagens são desconcertantes...



***

A nova edição do livro de Cervantes, publicada em Madrid, faz parte da coleção “Letras hispanicas” que, no ano passado (2003), ultrapassou 520 títulos – um feito que merece elogiosa referência.

O livro tem vários desenhos de Pilar Coomonte. Acolheu as novas normas ortográficas aprovadas na Espanha e contém (p. 65-69) lista completa das palavras afetadas por tais normas. [Não vi, porém, explicação para a substituição de 'x' por 'j' no nome do personagem principal.] Mantém-se muito fiel às edições originais de 1605 (volume I) e de 1615 (volume II), cada qual delas em um tomo independente, com emendas claramente assinaladas. Não deixa de fazer um cotejo das várias edições da obra.

Cabe registrar que a edição foi enriquecida com adendos de considerável valia para os apreciadores de Cervantes. Temos muito boa biobibliografia, com quase 40 páginas. Ai estão dados sobre a vida de Cervantes, sua obra, a gênese do Quixote (a edição de 1605), as críticas que a obra recebeu e um comentário em que são mencionadas as doze edições que serviram para a preparação desta presente nova edição. Enfim, há dezoito páginas reservadas para a "Bibliografia seleta", onde são mencionados 260 autores (mais de 400 títulos). Os dados dessa bibliografia atestam que as aventuras de Quixote, Sancho e Rocinante empolgaram leitores de vários cantos do mundo -- Alemanha, Estados Unidos, França, Inglaterra, Itália, Suíça,...

***

Na revista *Publishers Weekly*, um comentarista da "Reed Elsevier Inc." informa que *Don Quijote* foi vertido para o Inglês pelo menos umas vinte vezes, desde 1605. Cinco traduções apareceram nos últimos

50 anos. Antes desta versão de Edith Grossman, eram apreciadas as de J. M. Cohen, S. Putnam e Walter Starkie. Uma das mais recentes (a "Norton Critical Edition", de 1999) foi feita por Burton Raffel. Sabe-se que Edith traduziu várias obras de autores que escreveram em espanhol (Gabriel Garcia Márquez e Mario Vargas Llosa, p. ex.). Segundo os estudiosos, o que ela pode ter perdido em termos de elegância e suavidade, ganhou em termos de vitalidade. Omitindo arcaísmos, entregou-nos um Quixote "para nossos tempos".

***

Não custa dizer que *Dom Quixote* tem recebido, no Brasil, uma especial atenção. A Ediouro lançou sua versão do livro, com 1.412 páginas, em dezembro de 2002.

A Editora 34 apresentou versão bilíngüe da obra, elaborada por Sergio Molina, com "notas atualizadas" e os desenhos de Gustave Doré.



Edições “especiais” também apareceram. Uma das mais recentes é do maranhense Ferreira Gullar. “O Estado do Maranhão” (17/09/2002), divulgando o trabalho da Editora Revan, endossa duas discutíveis opiniões do tradutor, (1) qualquer “tradução será sempre adaptação” (“a não ser que se enchesse o livro de notas de rodapé”) e (2) o original contém extensos diálogos -- omitidos na tradução porque aludem a “histórias que quase nada têm a ver com o enredo”. Em 14/12/2002, o Correio Braziliense elogia o trabalho de Sergio Molina e, com respeito à omissão das estórias do Curioso impertinente, da Dama

colorida, de Ana Félix (e Dom Gregório) e de Marcela, na versão maranhense, limita-se a dizer que Gullar "arriscou muito", pois as estórias são parte "orgânica" da narrativa. A omissão equivaleria a tocar sinfonias de Bach ou Mozart economizando algumas notas...

Para não alongar demais estas anotações, registro apenas mais um fato relevante. A Universidade de North Carolina lançou IBIBLIO, "Projeto Gutemberg", destinado a preparar (em junho de 2004) versão do Don Quixote, sob os cuidados de John Ormsky. (Já existe muita coisa disponível na internet.)

***

É possível que as novas edições, como as anteriores, inclusive a brasileira, fiquem nas estantes da maioria dos eventuais compradores como "enfeite" – a revelar, quem sabe, o "bom gosto" dos possuidores.

Sejamos otimistas, porém, e imaginemos que as várias edições tenham leitores dispostos e percorrer quase mil páginas em busca de um prazer literário incomum.

Para que meu leitor faça ligeira apreciação das três edições aqui mencionadas, eis um pequeno trecho que abre a narrativa. Vejamos. No espanhol:

> En um lugar de la Mancha, de cuyo nombre no quiero acordarme, no ha mucho tiempo que vivia un hidalgo de los de lanza en astillero, adarga antigua, rocín flaco y galgo corredor. Una olla de algo más vaca que carnero, salpicón las más noches, duelos y quebrantos los sábados, lantejas los viernes, algún palomino de añadidura los domingos, consumian las tres partes de su hacienda.

A frase “Em um lugar de la Mancha” recebe nota de pé de página, indicando tratar-se de verso recolhido em *Romancero general.* Linhas abaixo há uma segunda nota esclarecendo que a descrição das refeições, das armas e dos vestuários se destina – para leitores de século XXI – a situar o protagonista em uma dada escala socioeconômica: um fidalgo de aldeia, medianamente “acomodado”.

Eis o que diz a versão inglesa:

> Somewhere in La Mancha, in a place whose name I do not care to remember, a gentleman lived not long ago, one of those who has a lance and ancient shield on a shelf and keeps a skinny nag and a greyhound for racing. An occasional stew, beef more often than lamb, hash most nights, eggs and abstinence on Saturdays, lentils on Fridays, sometimes squab as a treat on Sundays – these consumed three-fourths of his income.

E eis como o trecho aparece em nosso idioma:

> Num lugar de La Mancha, de cujo nome não quero lembrar-me, vivia, não há muito, um fidalgo dos de lança em cabido, adarga antiga, rocim fraco, e galgo corredor. Passadio, olha seu tanto mais de vaca do que de carneiro, as mais das ceias restos da carne picados com sua cebola e vinagre, aos sábados outros sobejos ainda somenos, lentilhas às sextas-feiras, algum pombito de crescença aos domingos, consumiam três quartos do seu haver.

A nota após “La Mancha” informa que Cervantes estaria aludindo a um de sete povoados. A nota seguinte diz que a carne de carneiro era mais apreciada que a de gado e acrescenta “Em toda essa

passagem, pinta Cervantes a vida pacífica e medíocre do fidalgo".

As dificuldades de leitura se equiparam – o dicionário será indispensável, seja qual for a edição preferida. Por esse motivo, só há uma "boa" sugestão a fazer.

Se o leitor acompanha bem o espanhol, nem pense em ler traduções. Pegue um bom dicionário e fique preso à edição de J. J. Allen. Se não consegue ler espanhol, mas conhece bem o inglês, leia a tradução da sra. Grossman. Desista de ler a obra em nosso idioma. Estou certo de que uma tentativa de chegar ao *Quijote* – sempre citado, nunca lido – pela via brasileira redundará em interrupção da leitura logo nas primeiras páginas, tais e tantas serão as indispensáveis consultas aos vocabulários e dicionários...

***

Nota. Os desenhos, na ordem: (1) Cervantes; (2) Capa da primeira edição de *Dom Quixote*; (3) O cavaleiro em sua biblioteca (G. Doré); (3) Quixote e Sancho (P. Picasso); (4) O combate aos moinhos de vento (G. Doré).

Res. Jan. 2004. **Leonidas Hegenberg**